

**DÍALOGO, REFLEXÃO E APRENDIZAGEM EM EDUCAÇÃO SEXUAL
SOB A PERSPECTIVA SOCIAL**

**DIALOGUE, REFLECTON AND LEARNING ABOUT SEX EDUCATION
FROM SOCIAL PERSPECTIVE**

**Carolina Habergriç Folino¹
Débora de Aguiar Lage²**

¹Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (Ibrag/Uerj)/ Bolsista Pibid/Capes/Uerj –
carolfolino@gmail.com

²Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-Uerj)/ Coordenadora do subprojeto de
Biologia Pibid/Capes/Uerj – deboralage.uerj@gmail.com

RESUMO

A abordagem sobre educação sexual, de forma ampla e participativa, se faz cada vez mais necessária no ensino básico, no intuito de contribuir para a construção de uma sociedade mais esclarecida e tolerante. O objetivo deste estudo foi fomentar a reflexão, o diálogo e a aprendizagem significativa sobre gênero e sexualidade, buscando à formação de cidadãos críticos, conscientes e livre de preconceitos. A pesquisa qualitativa foi desenvolvida com estudantes do ensino médio a partir de atividades dialógicas, visando promover a reflexão acerca de estereótipos de gênero, diversidade e de respeito ao próximo. Os resultados mostraram que as atividades conduzidas motivaram os estudantes à aprendizagem e confirmaram a importância de uma discussão mais ampla sobre educação sexual no ambiente escolar. Acredita-se que este estudo tenha contribuído para a formação de cidadãos críticos, conscientes e que compartilhem o respeito ao próximo e às diferenças.

Palavras-chave: Educação Sexual; Gênero; Sexualidade; Diversidade.

ABSTRACT

The approach to sex education in a broad and participative way is becoming increasingly necessary in basic education in order to contribute to the construction of a more enlightened and tolerant society. The aim of this study was to urge reflection, dialogue and meaningful learning about gender and sexuality, aiming the formation of critical, conscious and free prejudice citizens. The qualitative-quantitative research was developed with high school students, based on dialogic activities which aimed to promote reflection about gender stereotypes, diversity and respect for others. The results showed that the activities conducted motivated students to learn and confirmed the importance of a broad discussion about sex education in the school environment. It is believed that this study has contributed to the formation of critical and conscious citizens who share respect for others and respect the differences.

Key words: Sex Education; Gender; Sexuality; Diversity.

INTRODUÇÃO

A escola é a entidade de papel fundamental e extraordinário no processo de construção coletiva, onde crianças e jovens são percebidos como sujeitos de direitos (CALLAI *et al.*, 2014). Por abrigar grandes diversidades, sejam elas raciais, culturais, sexuais ou de gênero, a educação deve ser a favor da erradicação do preconceito, assim como o acolhimento e valorização de toda essa diversidade, assim como é de responsabilidade da sociedade como um todo e inclusive do Estado (LEITE, 2017).

Segundo Maia e Ribeiro (2011), a educação sexual pautada em sexualidades plurais, na multiplicidade dos comportamentos, além de promover o cuidado dos corpos dos educandos e o cuidado para com o outro, depende muito da formação do educador. Assim, é essencial que este receba uma formação acadêmica ou continuada adequada para atuar nesses processos da educação sexual, bem como faz-se necessária a discussão e o esclarecimento de questões relacionadas à sexualidade tanto de docentes quanto de discentes, principalmente no que se refere à construção de identidades (LOURO, 1997).

Neste contexto, é preciso considerar a sexualidade como característica inerente ao ser humano, pois uma vez que envolve questões de identidade sexual e de gênero, envolve também amor, erotismo, orientação sexual e reprodução (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004). Entretanto, apesar das orientações presentes nos PCN e da importância do trabalho sobre sexualidade de forma ampla e irrestrita, incluindo suas variáveis biológicas, sociais e políticas, a sua abordagem no contexto escolar vem enfrentando grande resistência nos últimos anos (MOURA; SILVA; ARAÚJO, 2016). Segundo Correia e colaboradores (2016), muitos professores temem abordar as questões de gênero no cotidiano escolar e admitem a dificuldade de lidar com essas relações.

Neste contexto, historicamente, o jogo de discursos e poderes associado à relação entre sexualidade e educação, impõe muitos desafios à educação sexual, demandando foco em diferentes temas (ALTMANN, 2013). Desta forma, objetivo principal deste estudo foi fomentar a reflexão, o diálogo e a aprendizagem significativa acerca das questões de gênero e sexualidade nos estudantes do ensino médio, visando à formação de cidadãos críticos, conscientes e livre de preconceitos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada com 40 alunos do segundo ano do ensino médio de um colégio estadual do Rio de Janeiro e foi desenvolvida a partir do subprojeto de

Biologia (Pibid/Capes/Uerj), do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-Uerj). Neste estudo, a metodologia empregada foi quali-quantitativa, a qual permite ampliar as explicações acerca do objeto de estudo (MINAYO, 1994).

Inicialmente, após a apresentação da proposta de trabalho os estudantes responderam um questionário misto contendo 08 questões, de forma voluntária e anônima, sem qualquer prejuízo para aqueles que optaram em não participar. Tais perguntas indagavam acerca da abordagem sobre sexualidade no ambiente escolar, bem como a definição de alguns termos como sexo, identidade de gênero e orientação sexual. Os estudantes tiveram cerca de 20 minutos para responder ao questionário.

Em seguida, os alunos participaram da dinâmica intitulada “Se colocando no lugar do outro”, adaptado do Manual do multiplicador adolescente (BRASIL, 2000). Para tal, cada turma foi dividida em 6 grupos: 3 grupos com estudantes do gênero feminino e 3 grupos com alunos do gênero masculino. Cada grupo deveria discutir entre seus componentes e escrever em uma folha de papel as vantagens e as desvantagens de ser mulher e de ser homem. Neste contexto, o objetivo principal desta dinâmica foi estimular os estudantes a refletirem sobre os aspectos sociais relacionados às pessoas do mesmo gênero que o seu e também do gênero oposto, e assim, provocando-os a se colocarem no lugar do outro. Após a discussão inicial dos estudantes, foi solicitado aos integrantes de cada grupo a leitura em voz alta dos pontos destacados, os quais foram listados no quadro pela mediadora para observação e análise conjunta de toda a turma.

A partir das questões levantadas, foi iniciado um diálogo com os estudantes, visando a discussão de pontos importantes implícitos nessa abordagem, como por exemplo: o que significa ser feminino ou masculino? É possível perceber estereótipos? Qual o impacto dessas diferenças na vida desses indivíduos? Assim, neste espaço de intenso debate, a mediadora atuou direcionando a discussão entre os estudantes, sem interferir diretamente nas suas concepções. Esta atividade durou cerca de 40 minutos. Os resultados foram avaliados qualitativamente, a partir da metodologia proposta por Bardin (2009), na qual os discursos dos estudantes foram categorizados e analisados.

Após a realização da dinâmica, os estudantes participaram de uma aula dialógica sobre gênero e sexualidade, realizada com a utilização de notebook e projetor multimídia. O objetivo desta atividade foi estimular o debate e promover a compreensão do caráter histórico e sociocultural que envolvem as questões de gênero e sexualidade na sociedade. Adicionalmente, a apresentação permitiu explicar aos alunos os principais

conceitos abordados no questionário, como: identidade de gênero, orientação sexual, sexualidade, sexo e gênero. Esta atividade teve duração de cerca de 40 minutos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise do questionário, verificou-se que os estudantes apresentavam faixa etária entre 16 - 19 anos e todos se identificaram como sendo do mesmo sexo e gênero (cisgêneros), sendo 55% do gênero masculino e 45% do feminino. Nesta questão, de natureza fechada, o estudante tinha como opções de resposta: “Feminino”, “Masculino” ou “Outro”, possibilitando a inclusão de alunos fora do padrão binário de gênero.

Quando indagados em relação à participação de eventos e/ou aulas na escola sobre educação sexual, 91% dos estudantes afirmaram já ter participado de alguma atividade sobre o tema, revelando que gostaram muito da experiência e acham importante a sua abordagem nas escolas. Para os alunos que indicaram nunca terem participado de qualquer atividade sobre educação sexual (9%), foi perguntado se eles achavam importante o tratamento dessa temática no contexto escolar. Os discursos dos estudantes a favor e contra a abordagem sobre educação sexual no ambiente escolar foram analisados e categorizados e encontram-se apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Concepções dos estudantes acerca da abordagem sobre educação sexual na escola.

Categorias	Contribuições abordadas	Discursos dos estudantes
Deve ser abordada na escola	Possibilita o aprendizado	<i>“Sim, contribui bastante, pois é bem revelador”</i> <i>“Sim, pois orienta sobre como praticar um sexo seguro e prevenção de doenças sexuais”</i>
Não deve ser abordada na escola	É um assunto particular	<i>“Não, porque eu acho que quem tem que falar são os pais”</i> <i>“Pois isso é pessoal de cada um”</i>

Os discursos que apontam que a educação sexual não deve ser tratada na escola são interpretados por Furlani (2011) como uma abordagem “moral-tradicionista”, na qual a família seria a principal fonte de informação sobre sexualidade, sendo a responsável por essa educação sexual pautada na abstinência. Contraditoriamente a esses discursos, muitos adolescentes ainda sentem dificuldade de tratar o assunto sexualidade com as famílias, alegando a falta de abertura com os pais para levantar questionamentos e inclusive a falta de informações que são passadas para os filhos adolescentes (SARAVEGNAGO; ARPINI, 2013). Para Silveris, Massaro e Menezes

(2016), o grande problema de a família ser a responsável pela educação para a sexualidade, é que devido à forte influência religiosa, de crenças ou valores, muitas podem optar pelo silenciamento e da não aceitação da sexualidade dos seus filhos.

Em relação à definição do termo orientação sexual, apenas 2% dos alunos conseguiram responder corretamente ou chegar bem próximo do conceito, enquanto 15% disse não saber ou deixou em branco. Além disso, no discurso dos estudantes observou-se que a grande maioria caracterizou a orientação sexual como sendo uma orientação sobre sexo recebida por outra pessoa. De fato, o termo orientação sexual é utilizado em diversos estudos de sexualidade nas escolas com o sentido de ser um projeto ou ação, a fim de orientar estudantes a respeito de sexualidade (FERREIRA, INFORSATO; LEÃO, 2014). Contudo, no presente estudo, o objetivo da pergunta era que a expressão orientação sexual remetesse os estudantes à afetividade, à atração por outra pessoa, a qual pode ser do mesmo gênero, do gênero oposto ou ambos os gêneros.

A respeito do conceito de identidade de gênero, 34% dos estudantes indicaram corretamente a resposta, 8% respondeu de modo incorreto e 58% afirmaram não saber ou deixaram a questão em branco. Segundo Jesus (2012), entende-se como identidade de gênero a forma como o indivíduo se identifica perante à sociedade. Neste caso, embora a carga genética e os hormônios determinem o sexo de uma pessoa, a dicotomia de comportamentos femininos e masculinos é estabelecida culturalmente.

Uma amostra dos discursos dos estudantes acerca dos conceitos de orientação sexual e identidade de gênero estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2: Discursos dos alunos acerca dos conceitos de orientação sexual e identidade de gênero.

	Conceitos adequados	Conceitos inadequados
Orientação sexual	<i>“É a opção sexual, escolha para a qual decidiu seguir, derivando do segmento de sentimento e emoções”</i> <i>“Indica por quais gêneros a pessoa se sente atraída”</i>	<i>“É quando os seus pais te aconselham a ser homem ou mulher”</i> <i>“Quando as pessoas são orientadas sobre sua sexualidade pelos pais, professores ou outros educadores, que os orientam desde crianças”</i>
Identidade de gênero	<i>“É o gênero que você se sente, não definido apenas pelo seu órgão sexual”</i> <i>“É a forma como você se identifica com o seu corpo”</i>	<i>“É a opção da sexualidade”</i> <i>“É a escolha da pessoa qual vai ser sua sexualidade”</i>

Quando indagados sobre a definição de sexualidade, o discurso que mais se aproximou do adequado afirmou: *“Parte da vida pessoal de uma pessoa, que se refere à vida sexual, gênero, ato sexual, entre outros.”* Entretanto, foi possível observar que

muitos estudantes confundiram a palavra sexualidade com orientação sexual, identidade de gênero e até mesmo com o fato de ter relações sexuais. Segundo Figueiredo, Bastos e Kalckmann (2008), a sexualidade está presente em todas as experiências que resultam em sensações de prazer e conforto emocional e físico nos relacionamentos com outras pessoas. Diante disso, as concepções dos estudantes não estavam equivocadas, apenas incompletas. Louro (2000), destaca que a sexualidade envolve muitos aspectos sociais, como linguagens, convenções e símbolos, sendo definida por processos culturais.

Durante a dinâmica “Se colocando no lugar do outro”, foi possível observar as afinidades e as divergências entre os grupos formados por meninos e meninas. Neste caso, acreditamos que a reflexão proporcionada pela realização desta dinâmica consistiu em um passo muito importante na construção do respeito ao próximo. Deste modo, a fim de facilitar a análise dos dados obtidos, as respostas foram categorizadas em dois níveis: social e biológico, nos quais foram listados os principais pontos abordados pelos estudantes (Tabelas 3 e 4).

Tabela 3: Concepção dos alunos sobre as vantagens e desvantagens de ser mulher.

Categoria	Respostas	Gênero*	Vantagem	Desvantagem
Social	Entradas de graça	F/M	x	
	Assédio e Estupro	F/M		x
	Celulites e estrias	F		x
Biológico	TPM e menstruação	F/M		x
	Mais sensíveis	F/M	x	x
	Menopausa	M		x
	Engravidar	M	x	

*A letra F, refere-se às respostas dadas pelos grupos femininos; a letra M representa às respostas dadas pelos grupos masculinos e F/M, quando ambos os grupos apresentaram as mesmas respostas.

Tabela 4: Concepção dos alunos sobre as vantagens e desvantagens de ser homem.

Categoria	Respostas	Gênero*	Vantagem	Desvantagem
Social	Mais liberdade	F/M	x	
	Alistamento no exército	F/M		x
	Mais prestígio na sociedade	F/M	x	
	Andar sem camisa	F/M	x	
	Despesas	M		x
	Sem assédio na rua	F	x	
	Menos cobranças domésticas	F	x	
	Mais empregos	M	x	
Biológico	Câncer de próstata	M		x
	Muitos pelos	F		x
	Não têm cólica	F	x	

*A letra F, refere-se às respostas dadas pelos grupos femininos; a letra M representa às respostas dadas pelos grupos masculinos e F/M, quando ambos os grupos apresentaram as mesmas respostas.

Pela análise das Tabelas 3 e 4, pode-se verificar que os homens reconhecem seus privilégios perante a sociedade, uma vez que este tópico foi abordado por quase todos os grupos de meninos, seja quando utilizam a expressão “prestígio na sociedade” ou no momento em que reconhecem que há mais oportunidades de empregos para homens em relação às mulheres. Neste contexto, um estudo recente sobre a desvalorização feminina no mercado de trabalho revelou que apesar das mulheres serem a maior parcela da população economicamente ativa no Brasil, elas ou ocupam cargos informais e afazeres domésticos ou estão no mercado formal disputando com os homens, exercendo uma jornada dupla ou até tripla de trabalho (PEREIRA; LIMA, 2017).

A discussão a respeito do impacto dessas diferenças apontadas pelos estudantes foi bastante acalorada. Os alunos se impuseram, principalmente as meninas, que a todo momento repetiam que as mulheres da família sempre acabam tendo mais trabalho doméstico do que os homens. A partir desses discursos, a mediadora levantou a questão: É possível perceber a presença de estereótipos? Como previsto, os alunos rapidamente perceberam os estereótipos que existem em nossa sociedade, o qual coloca a mulher em posição de submissão e de desprestígio em relação aos homens e enfatiza a questão do determinismo biológico. Assim, observa-se nos resultados, que as vantagens dos homens estão relacionadas a atribuições sociais, enquanto a única vantagem biológica dos homens seria em relação a “não sofrer TPM”. Outro estereótipo observado foi em relação à sensibilidade dos indivíduos, onde os homens sempre são considerados mais decididos, motivados e são os provedores, enquanto mulheres são sensíveis e sempre pensam mais nos outros do que nelas mesmas (SANDBERG, 2013).

Ao serem perguntados a respeito do impacto das diferenças entre homens e mulheres na vida das pessoas, os estudantes puderam perceber que as mulheres são as principais afetadas, especialmente no que tange as questões de liberdade, assédio e estupro. Essa conclusão não foi aleatória, como reforça Santos (2016), que aponta que o assédio as opressões de gênero querem mostrar que a mulher não tem autonomia sobre o próprio corpo e estão presentes em todos os lugares públicos e privados, seja nas ruas, praças, ônibus, dentro de instituições, inclusive na família.

Foi debatido também, que a maioria das vantagens dos homens seria no campo social, o que levou à reflexão dos alunos nos remetendo de volta à questão da construção social dos gêneros. Adicionalmente, a ideia de que as mulheres são mais sensíveis ser levantada como uma vantagem, novamente nos remeteu aos estereótipos, uma vez que a sensibilidade não está relacionada ao sexo biológico, havendo homens

mais sensíveis que muitas mulheres. Esta etapa do estudo corrobora com as ideias de Vitiello (1995), que reporta que o educador, em seu ato de ensinar, deve proporcionar condições para que o estudante se torne consciente e responsável por seus atos.

A aula expositiva dialógica foi bastante enriquecedora e essencial para esclarecer os conceitos que os estudantes tinham sido desafiados a definir tanto no questionário, quanto na dinâmica em sala de aula. Adicionalmente, a atividade permitiu a abordagem do caráter social na construção dos papéis de gênero e como essas relações impactam a sociedade como um todo. Segundo Ferreira, Araújo e Oliveira (2014), a utilização da aula dialógica é defendida por muitos estudiosos como uma estratégia de ensino muito útil à educação sexual, já que o diálogo é considerado essencial à abordagem deste tema, assim como em qualquer processo de aprendizagem. Neste contexto, estudos feitos na área de educação sexual sugerem a utilização de debates, diálogos e de estratégias didáticas que permitam o envolvimento do estudante com o tema a ser abordado (SOUZA; SANTOS; SILVA, 2015).

Ao final, a partir do diálogo sobre a diversidade de gênero, os estudantes foram estimulados a refletir e anotar em um papel o que poderia ser realizado para a redução do preconceito na população. Dentre os diferentes discursos, um trecho escrito por duas alunas merece destaque:

“O que pode prevenir os conflitos entre gênero são as pessoas se conscientizarem que todos somos iguais, deixar de lado opiniões ofensivas e procurar aceitar as diferenças. Outro tópico é nas escolas primárias, sabemos que dali vão sair seres humanos dotados de pensamentos e opiniões, mas serem humanos que quando pequenos, aprenderam a aceitar as diferenças, ou seja, implantar o respeito ao próximo.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, onde observa-se o crescimento do número de casos de intolerância e violência relacionadas ao gênero, torna-se urgente a abordagem sobre educação sexual no ambiente escolar de forma ampla e participativa. Neste caso, é fundamental a adoção de estratégias pedagógicas capazes de motivar os estudantes para o diálogo, para a reflexão e para a aprendizagem sobre o tema, tanto a partir da perspectiva biológica como também pela sociocultural. Para tal, o corpo docente precisa estar aberto aos novos conceitos e métodos, a fim de oferecer aos estudantes uma educação voltada para a formação do cidadão crítico e consciente.

A abordagem sobre as questões de gênero e sexualidade provocou grande entusiasmo nos estudantes, que se mostraram interessados no tema e participaram

ativamente de todas as atividades propostas. Neste sentido, ao longo das atividades, os alunos demonstraram compreender que grande parte dos conceitos aplicados para as diferenças entre os gêneros, foram construídos socioculturalmente e não refletem a realidade da população. Desta forma, acredita-se que a realização desta pesquisa provocou um impacto positivo e relevante na educação sexual dos estudantes, confirmando a importância do uso de metodologias alternativas, visando à formação de cidadãos críticos, conscientes e que compartilhem o respeito ao próximo e às diferenças.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 13, p. 69-82, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 5 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BRASIL. **Manual do multiplicador: adolescente**. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.
- CALLAI, H. C.; TOSO, C. E. I.; MORAES, M. M.; KUHN, M. Educação e cidadania. *In: Anais do Salão do conhecimento* da UNIJUÍ, 2014. Disponível em: <<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/4092/3400>>. Acesso em 10/12/2017.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, Brasil, 2004.
- CORREIA, M. M.; DEVIDE, F. P.; TELLES, S. C. C.; LUTZ, T.; MURAD, M.; OLIVEIRA, G. A. S. Discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. **SALUSVITA**, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.
- FERREIRA, G. T. A.; ARAÚJO, C. W. C.; OLIVEIRA, K. A. Gênero, sexualidade e orientação sexual em senhor do Bonfim/BA. **Revista Extendere**, v. 2, n. 1, p. 166-176, 2014.
- FERREIRA, G. R.; INFORSATO, C. F.; LEÃO, A. M. C. Escola e o diálogo sobre corporeidade e educação sexual. **Dialogia**, n. 20, p. 211-230, 2014.
- FIGUEIREDO, R. BASTOS, S.; KALCKMANN, S. **Sexualidade, prática sexual na adolescência e prevenção de gravidez e DST/Aids, incluindo a contracepção de emergência**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2008.
- FURLANI, J. Educação Sexual: Possibilidades didáticas a um começo na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. *In: _____*. **Educação Sexual na escola: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero conceitos e termos**. Brasília, 2012. 42p. Disponível em <<http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em 15/01/2016.

LEITE, V. S. M. **Gênero, sexualidade e suas diversidades em trabalhos publicados nas Atas do I-X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015)**. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas). Instituto de Biologia Roberto Alcantara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**, v.15, n.1, p.75-84, 2011.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOURA, J. C. L.; SILVA, P. M. C.; ARAÚJO, M. C. C. Gênero e diversidade sexual no ambiente escolar: uma transversalidade relevante. **Geoconexões**, v. 2, p. 12-20, 2016.

PEREIRA, A. M. L.; LIMA, L. D.S. C. A desvalorização da mulher no mercado de trabalho. **Organizações e Sociedade**, v. 6, n. 5, p. 133-148, 2017.

SANDBERG, S. **Faça acontecer** - mulheres, trabalho e vontade de liderar. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SANTOS, M. C. Movimento feminista e novas estratégias de ação no combate a violência de gênero. **Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS**, Sergipe, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/snsufs/article/view/6105/5117>> Acesso em 10/09/2017.

SARAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 150, p. 924-947, 2013.

SILVERIS, S. E.; MASSARO, M.; MENEZES, E. G. Orientação sexual na escola: uma dinâmica interativa cheia de curiosidades. **Revista da SBEnBio**, n. 9, p. 2899-2907, 2016.

SOUZA, E. J.; SANTOS, C.; SILVA, J. P. Educação sexual na escola: concepções e modalidades didáticas de docentes sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 3, n. 3, p. 51-62, 2015.

VITIELLO, N. A educação sexual necessária. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 6, n. 1, p. 15-28, 1995.